



ENVELHECIMENTO ATIVO E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS URBANAS: UM ESTUDO DE CASO DO PARQUE DOM ANTÔNIO ZATTERA

THAÍS DEBLI LIBARDONI¹; LÍGIA MARIA ÁVILA CHIARELLI²

¹ Universidade Federal de Pelotas – thais_libardoni@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - biloca.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Desde os anos 60, o conceito de envelhecimento vem evoluindo. Em 1987, Rowe e Kahn empregaram o termo Envelhecimento Bem-Sucedido, visando a prevenção de doenças e deficiências. O conceito depois incluiu capacidade cognitiva e envolvimento ativo com a vida, onde estão os relacionamentos interpessoais (ALMEIDA, 2007). A Organização Mundial de Saúde, nos anos 90 forjou o conceito Envelhecimento Saudável, definindo saúde como “bem-estar físico, social e mental” assim, deve-se promover “saúde mental e relações sociais” tanto quanto “condições físicas de saúde” (OMS, 2005, p.13). Mais recentemente, a partir do fim dos anos 90, o Envelhecimento Ativo tem sido usado pela OMS, como “otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005, p.13). “Ativo” refere-se à participação social, econômica, cultural, espiritual e cívica, ampliando conceitos anteriores para outros fatores que afetam o processo de envelhecimento (OMS, 2005).

A carência de relações sociais, como fator de risco à saúde, é considerada tão prejudicial quanto tabagismo, pressão arterial elevada, obesidade e sedentarismo (ANDRADE; VAITSMAN, 2002). A interação ocorre em vários níveis e depende da configuração ambiental. Encontros sociais urbanos ocorrem em espaços que estimulam 3 atividades humanas básicas: ver, ouvir e falar. Contatos passivos possibilitam inserção social na vida urbana (GEHL, 2015).

Também nos anos 60, as práticas intergeracionais foram conceitualizadas (THANG, 2015) e a partir dos anos 80 foram reconhecidas por abordar problemas sociais de autoestima e isolamento (BETH JOHNSON FOUNDATION, 2011) entre jovens e idosos. O fato coincide cronologicamente com o início das assembleias mundiais sobre envelhecimento. No início do século XXI, a intergeracionalidade foi reconhecida como estímulo à potencialidade urbana, lidando com tensões etárias (MELVILLE; HATTON-YEO, 2015) e reduzindo preconceitos.

Embora algumas literaturas afirmem que relações intergeracionais dificilmente ocorrem sem estímulo, o “novo idoso” busca inserção social e manutenção de hábitos desenvolvidos na juventude, facilitando a aproximação intergeracional. O modo como o idoso se vê e é visto pela sociedade é alterado, gerando desconforto com o termo idoso, dado seu estilo de vida ativo e “jovem”. “A ‘cronologização’ da vida mudou” (VARGAS, 2015).

Entretanto, não há inserção sem a inclusão física do idoso nos meios onde ocorrem as atividades sociais (ALEXANDER et al, 1977) e, muitas vezes, os ambientes não são atrativos ou suportivos a certos usuários. Este estudo é parte da pesquisa intitulada “*Espaços públicos urbanos & relações intergeracionais: Affordances de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas*” que analisa oportunidades de relações intergeracionais de idosos e jovens em meio urbano num contexto de evolução do entendimento do processo de envelhecimento. Parte-se do pressuposto de que há similaridades de necessidades físicas, sociais e psicológicas e de percepção entre jovens e idosos (LAYNE, 2009). A hipótese é que as similaridades podem produzir semelhanças nas apropriações urbanas que auxiliem no planejamento de lugares suportivos e

atrativos a ambos. Como contribuição à discussão, o estudo traz resultados parciais do primeiro objetivo específico da pesquisa que é elaborar um panorama geral de ocupação etária em quatro tipologias espaciais da cidade de Pelotas. Aqui, avaliam-se essas relações no Parque D. Antônio Zattera. Os objetivos específicos aqui relatados são (i) Mapear o uso por idade do parque, identificando lugares de maior contato intergeracional de idosos; (ii) Caracterizar fatores físicos espaciais relevantes à socialização, identificando possíveis conflitos.

2. METODOLOGIA

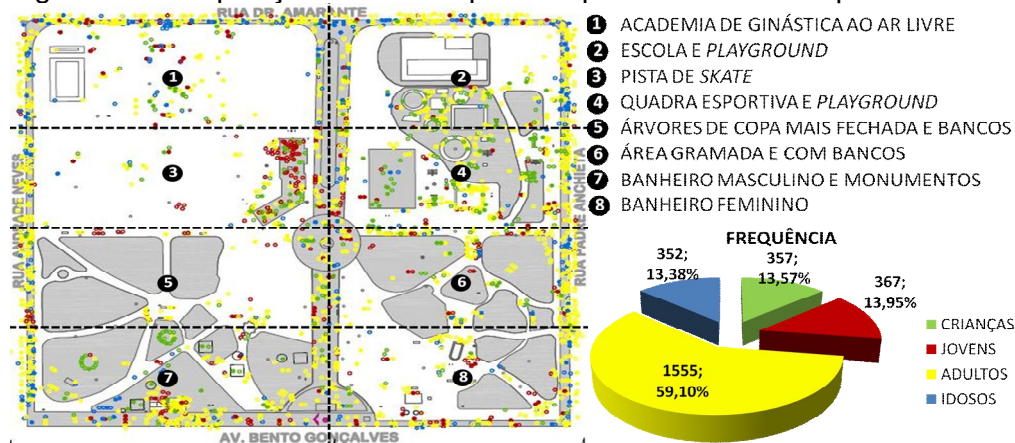
Através de uma perspectiva ecológica, inerente à Psicologia Ambiental, o estudo assume que ambientes e indivíduos se influenciam mutuamente. Por ambiente tem-se tudo o que cerca o indivíduo. O recorte utiliza o Parque D. Antônio Zattera, um dos estudos de caso da pesquisa original que engloba Praça Cel. Pedro Osório, Calçadão e Largo do Mercado Público. O estudo de caso é empregado por serem eventos contemporâneos sem controle comportamental (YIN, 2001). Pelotas foi escolhida por possuir tipologias espaciais recorrentes a cidades brasileiras de mesmo porte. A abordagem à área central é devido à intergeracionalidade ser favorecida pela diversidade de estímulos (LAYNE, 2009).

A investigação iniciou pela pesquisa bibliográfica e documental de plantas. Doze mapas comportamentais por área foram produzidos (dia de semana, sábado e domingo; às 9:30h, 11:30h, 15:30h e 17:30h), considerando a maior circulação de pedestres (BARROSO, 2012) e condições climáticas. Usuários (gênero e faixa etária) e atividades (grupo, pares ou individuais) foram registrados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os estudos de caso da pesquisa, o parque apresentou distribuição etária mais homogênea de crianças (357; 13,57%), jovens (367; 13,95%) e idosos (352; 13,38%). Adultos são a maioria (1555; 59,10%) das 2624 pessoas (Figura 1).

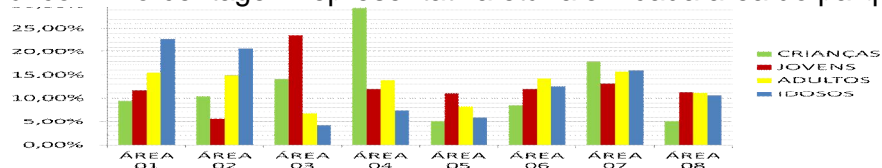
Figura 1: Sobreposição dos 12 mapas comportamentais e frequência etária.



Fonte: autoras, 2016.

Para análise da frequência etária (Gráfico 1), o espaço foi dividido em 8 áreas, respeitando caminhos principais mas subdividindo quadrantes, pois o movimento próximo às vias diferencia-se do que ocorre no interior do parque.

Gráfico 1: Porcentagem representativa etária em cada área do parque.



Fonte: autoras, 2016.

Para os idosos, as áreas 01 (22,73%) e 02 (20,74%) são destaque especialmente durante as feiras de sábado, mas na área 01, sua permanência também é ligada à observação das atividades da academia (Figura 2). Por vezes, há a ocupação da base do monumento como assento ou a utilização de cadeiras. A área 07 é a terceira em importância (15,91%) e é notável a baixa frequência em áreas de uso específico com foco etário como *playground* e pista de skate. Para os jovens, destacam-se: pista de skate (23,43%), área 07 (15,69%), e área 01 em quarto lugar (11,72%). O destaque às oportunidades de convivência intergeracional foi a área 07, onde nenhum dos grupos etários teve representatividade menor do que 13% e houve maior equilíbrio (17,93% das crianças; 13,08% dos jovens; 15,69% dos adultos; 15,91% dos idosos) (Figura 3).

Figura 2: Idosos observando a academia ao ar livre.

Figura 3: Idosos em grupos recorrentes próximos à Avenida Bento Gonçalves.



Fonte: autoras, 2016.

Na área 01 a academia ao ar livre é um uso fixo que gera movimento intergeracional não só por quem efetivamente utiliza os equipamentos, mas por quem observa as atividades. Como a estrutura é uma inserção recente no parque, a disposição do mobiliário não visava contemplar essa atividade, dessa forma, poucos bancos privilegiam sua visualização. Porém, o espaço aberto favorece a personalização e a improvisação. A área 07 é um espaço potencial, não indica usos específicos mas favorece usos diversos (LIBARDONI et al, 2016). É formado por canteiros próximos à Av. Bento Gonçalves, onde o movimento é intenso, além disso há espaço cívico, com monumentos e espaço para estruturas efêmeras como palco para comemorações e brinquedos infláveis. Sem bancos, o monumento é utilizado como assento improvisado, e grupos recorrentes de jovens, adultos e idosos levam cadeiras, especialmente aos fins de semana.

4. CONCLUSÕES

As observações vêm ao encontro da literatura, enaltecendo os espaços públicos urbanos como oportunidades de relações interpessoais, ainda que passivas, para os idosos contemporâneos. O perfil do novo idoso enquadra-se especialmente aqui, pela busca da inserção em diversas esferas da vida urbana.

Ressalta-se a importância da interação a nível visual. O idoso é o observador que se dispõe normalmente na periferia dos espaços onde ocorrem atividades intensas e frequentes. A ocupação periférica normalmente garante a visualização do ambiente como um todo e resguarda algum nível de privacidade e controle sobre o espaço. Nesse sentido, é perceptível uma preferência pela localização das cadeiras de praia próximas a algum tipo de limite físico, como as árvores. É uma forma de inclusão e participação passiva e controlada que se mostra relevante especialmente para esta faixa etária. A vivacidade das atividades jovens, esportivas e que geram movimentação, como os pedestres se deslocando na avenida, aparecem aqui como um dos atratores do público idoso para atividades de permanência, com grande potencial de gerar contato social.



Os principais conflitos se referem à configuração espacial que pode reduzir a interação por limitações de mobiliário. Entretanto, neste estudo, eles foram superados pela tradição de levar as próprias cadeiras e pela improvisação de assentos. O achado reitera que espaços potenciais, adaptáveis, personalizáveis e que possibilitam ocupações dinâmicas e diferenciadas podem, num contexto intergeracional, ser tão ou mais atratores do que os de usos específicos e fixos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, C.; ISHIKAWA, S.; SILVERSTEIN, M.; JACOBSON, M.; FIKSDAHL-KING, I.; ANGEL, S. **A pattern language**. NY: Oxford University Press, 1977.

ALMEIDA, M.. Envelhecimento : Activo? Bem sucedido? Saudável? Possíveis coordenadas de análise. **Forum Sociológico**, Lisboa, n. 17, p. 17-24, 2007.

ANDRADE, G.; VAITSMAN, J.. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 7, n. 4, p. 925-934, 2002.

BARROSO, C. de P. **Conforto e orientação na percepção da acessibilidade urbana: área central de Pelotas RS**. 2012. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - PROPUR, UFRGS.

BETH JOHNSON FOUNDATION. **A Guide to Intergenerational Practice**, Stoke-on-Trent, UK: Beth Johnson Foundation, 2011.

GEHL, J.. **Cidades para pessoas**. MARCO, A. (trad.). São Paulo: Perspectiva, 2015.

LAYNE, M.R. **Supporting intergenerational interaction: Affordance of urban public space**. 2009. Dissertation (Philosophy Doctorate). NCSU.

LIBARDONI, T.; GOMES, L.; BALLESTE, S.; MEDVEDOVSKI, N.; CHIARELLI, L.. Microterritorialidades etárias urbanas: A construção da identidade de jovens e idosos com espaços públicos de Pelotas. In: **ENPOS UFPEL**, XIIX, Pelotas, 2016. Anais... Pelotas: UFPEL, 2016. Acessado em 29 set. 2017. Online. Disponível em: http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2016/SA_03049.pdf .

MELVILLE, J.; HATTON-YEO, A. Intergenerational shared spaces in the UK context. In VANDERBECK, R.; WORTH, N. (eds). **Intergenerational Space, Routledge Studies in Human Geography**. London: Routledge, 2015. p. 80-94.

OMS. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. GONTIJO, S. (trad.). Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

THANG, L.. Encounters in public spaces within Singapore's public housing neighbourhoods. In VANDERBECK, R.; WORTH, N. (eds). **Intergenerational Space, Routledge Studies in Human Geography**. London: Routledge, 2015. p. 44-61.

VARGAS, G. **A revolução dos sessentões: os 60 são os novos 40**. ZH, Porto Alegre, 2015. Acessado em jul. 2016. Online. Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br>.

YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. GRASSI, D. (trad.), 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.